ORGÃO : DA
RENASCEN=
ÇA : PORTV=
GVESA :

13

100 rs.

A ÁGUIA

BIBLIOTECA

DA

RENASCENÇA PORTUGUESA

A Águia — Revista mensal.
A Vida Portuguesa — Quinzenário.
A Evocação da Vida — *Augusto Casimiro.*
Regresso ao Paraiso — *Teixeira de Pascoaes.*
Esta História é para os Anjos — *Jaime Cortesão.*
O Espírito Lusitano ou o Saudosismo — *Teixeira de Pascoaes.*
A Sinfonia da Tarde — *Jaime Cortesão.*
O Criacionismo — *Leonardo Coimbra.*
A Educação dos povos peninsulares — *Ribera y Rovira.*
Romarias — *António Correia de Oliveira.*
A Primeira Nau — *Augusto Casimiro.*
Cintra — *Mario Beirão.*
O Doido e a Morte — *Teixeira de Pascoaes.*
Daquem e Dalem Morte — *Jaime Cortesão.*
O Ultimo Lusiada — *Mario Beirão.*
O genio Português — *Teixeira de Pascoaes.*
Elegias — *Teixeira de Pascoaes.*
Camilo Inédito — (*Prefacio e Notações de Villa-Moura*).
Só (3.ª edição) — *António Nobre.*

NO PRELO:

Humor e Philosophia — *Villa-Moura.*

A ÁGUIA

Órgão da Renascença Portuguesa

Vol. III—2.ª Série

Pôrto—1913

A ÁGUIA Revista mensal, órgão da "Renascença Portuguesa" — Directores, Teixeira de Pascoaes e António Carneiro; secretário da redacção, Álvaro Pinto — Redacção e administração, rua Sá da Bandeira, 363-2.º, Pôrto — Composição e impressão, tipografia Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27, Pôrto — Gravuras de Cristiano de Carvalho, rua de Cedofeita, 95-1.º, Pôrto :: : III volume.

LITERATURA

CAMILLO INÉDITO (*)

PREFACIO

O **titulo** d'este livro diz plenamente dos seus intuitos.

A bem dizer estas paginas de prefacio são um peccado de devoção. Enchem um momento doentio, a necessidade de falar do Romancista, um momento que a sombra d'elle apagará em si...

A presente obra é que jamais se apagará. Porque é ainda Camillo; e Camillo na sua feição suprema e intima — a echoar em corações amigos os gritos da sua Arte e miserias; sobretudo a expressar da sombra immensa a velha tortura do seu genio, tão irmão da Raça.

Raro exemplo d'Arte humanizada!

A sua figura, elemento de emoção, presente de eternidade, explica as photosculpturas dos mais intimos desdobramentos. Ora estes desdobramentos, que commoveram o mundo intimo e publico da sua obra, revelam uma das mais altas e sinceras dôres, a dôr que o Destino crucifica sempre n'um Artista.

Camillo foi uma raça a soffrer. Soffreu a chorar, a rir. Sobretudo a rir porque jamais elle, um romancista, realizou a ficção!...

E' hoje maior do que em vida.

E' que a bem dizer só a sua sombra era real — aquella sombra que o projectou, e hoje cresce a Noite d'uma raça...

Ha homens, como Balzac, que reflectem na Obra um infinito de sentidos.

Camillo tem o numero exacto de sentidos, accrescentados do genio dos seus males, redosos de risos e agonia.

Estes risos e agonia é que lhe dão a feição maxima da fórma humana e artistica de ser, tecendo a sombra enorme do escriptor que

(*) O livro *Camillo inédito*, no prélo, comprehende uma collecção de cartas do Romancista, algumas notaveis, dirigidas a outros escriptores, editores e amigos. As presentes paginas destinam-se, com varias notas, a acompanhar as cartas, cuja publicação revela, como nenhuma outra, a figura intima do Escriptor.

vive, na projecção — a grandeza expiatoria d'uma figura de inferno accrescentada do genio que exprime Deus.

O homem de genio é, afinal, o erro, mas um erro de Deus. Camillo é a vida transcendendo Arte, o que equivale a dizer — um systema de sentimento.

A sua obra, expressão d'uma raça genial e tôrva, tem o reflexo extranho do diamante. O brilhante é o diamante polido, estragado. Elle é o diamante, luminoso de fatalidade, o genio impolivel, a belleza pura, embora doentia, o Bello mysterioso...

Só uma vez a tortura foi genio peninsular. Foi em Camillo que a tratou pelo sarcasmo.

Cada vez que a memoria m'o revela, revivo um aspecto seu. E' um phantasma que, debruçado no abysmo da propria alma, tôrvo das suas lagrimas, expectra de si um numero infinito de figuras que elle, inconsciente de genio e amargura, se dá a estudar, a soffer...

Estas figuras, maravilhosos desdobramentos d'Alma, que o esparsam e complicam — são afinal o mundo intimo do seu extranho ser de nevrosado.

Se fosse mais artista era menor. A obra de Camillo não póde dizer-se creação. E' um achado. Encontrou-se, deu-se...

Editou-o a Fatalidade!

A sua Arte chama-se Emoção. E' o genio — elemento, a onda a discorrer, a estatuar. Onda immensa de sentido, encapellando tragedia. Jamais alguem poz a grandeza que usou nas suas miserias, porque jamáis o Destino repetiu sensibilidade assim.

Alguem o chamou uma força da natureza.

Tenho a impressão contraria — a da sua fraqueza genial. Que de vezes se revoltou contra si! E que de vezes a vida extranha o distrahiu! Então versava figuras de somenos, e folhetinava em livros ou nos *lambris* dos jornaes — laudas de generosidade ou de esphacelo — assumptos da vida inferior. Mas era então que a Fatalidade mais o tutelava.

E, milagre d'ella, as suas figuras, esculpturadas na lama do tempo viviam ainda a emoção do artista. E a lama, uma vez animada, vivia no genio que a esculpia formas eternas...

Milagre da Belleza, as suas inferioridades, foram ainda *maquettes* extraordinarias, supremas d'Arte. E' o caso de *Eusebio Macario, Corja, Queda de um Anjo* e de tantas outras obras.

Ainda mais. Que de vezes esculpiu em cinza, cinza quente, restos amassados de paixões estertorosas!...

Enormes de commoção, prolongam hoje o seu drama estatuas de cinza viva, fórmas batidas e accezas por lufadas de desgraça, figuras de fogo a faular o inferno da sua dôr.

Demarca-lhe a Arte um mundo extravagante e sinistro, aquelle que concebeu na sua noite perduravel de sombrio.

Singularissima Arte! Que de vezes ensaiou a Morte...

Então vestia, armava a imaginação de crépes, e era na camara ardente da sua officina de phantasma que gizava sobre o panno

negro as grandes figuras da sua tragedia! Gizadas ellas, tomava logar no catafalco...

E então a sua fórma arrefecida revelava-as do calor perdido. Sinistras revelações! Eram figuras extraordinarias de fatalidade, a entrudar miserias, caricaturas-phantasmas de Dor!

Levantava-se a ve-las, a estuda-las. Por fim reconhecia-se, encarava-se n'ellas. Depois ria, ria, como para distrahir o publico da galeria macabra dos seus desdobramentos, monstros afflictivos de Sentimento e Belleza...

Aquela grande figura de emoção que é Camillo sarcasta vela, primeiro, o homem do Romancista; processa, depois, o drama do suicida, antes ensaiado nas suas figuras de Dor.

E, assim, elle é mais do que qualquer outro Artista. E' a Morte creadora, a Morte fecunda!...

E entretanto a sua fórma martyrizada pelo ultimo drama de Seide, atravessou, mysteriosa e quasi ignorada, o Porto, então indifferente, occupado...

Nem devotos, nem curiosos a ajoelhar, a ve-lo!... Passou como a memoria de um cyclóne, já longe!...

A poeira serve a desenhar as convulsões do vento. Elle era já o pó, na forma quieta e derradeira, e ainda esphingico mysterioso de Raça, a desenhar a Dor,—impresso, fixo do seu enorme vendaval!

E, sempre tragico, n'um ultimo requinte de sarcasmo, elle vae na ultima romaria a cumprir a vontade expressa n'uma carta—a de descansar na Lapa á sombra d'um marmore emprestado. ([1]) E' um marmore modesto, mas que vale o Pantheon!...

Indicou-lh'o o Destino, contra a consciencia amollecida do paiz que bocejava, a mêdo, a ideia de o acantonar nos Jeronymos. E assim, ainda o pó da sua desgraça foi parar ao carneiro mais proprio, o da Familia-*Fortuna*.

Ahi jaz! Quer dizer, ahi ri ainda, em pó, o riso eterno da desgraça, na mascara da Fortuna, no seu velho carneiro de sarcasmo! O jazigo-Fortuna é o marmore onde o seu genio sinistro cahiu a rir desgraça, a Morte!...

Este livro é um retalho da sua grande sombra errante...

Ancêde 1912 (Dezembro).

Villa-Moura

([1]) Referimo-nos á carta que escreveu a Freitas Fortuna, de Bemfica, em 15 de julho de 1889, pedindo-lhe um logar no jazigo.

TARDES ASCÉTICAS

Outôno...! Outôno...! Oh! tardes de convento!
Nem uma voz dispersa..., só o vento
Melancólico passa e turba o ar;
Choupos—Santas Teresas de Jesus—
Fere-os a graça extática da luz
E ficam, de olhos fitos, a rezar...

Vem o vento soprando a par da Noite:
Pedem-lhe os choupos o aéreo açoite,
Os híspidos cilícios à friagem
E retalham a carne emagrecida
Até deixar o corpo todo em ferida...
Martirisam, afligem a Paisagem.

Que ascético furôr! Entre gemidos
Alguns desmaiam... perdem os sentidos:
Pálidos monges, os doridos choupos
Choram, vergam de Dôr, tombam nas celas...
Outôno, outôno... oh! folhas amarelas
Caindo como lágrimas dos topos!

Passa gente cantando, enxada ao ombro;
Mas surdamente invade-os um assombro
E deixam pouco a pouco de cantar...
É quasi noite... Os choupos vagamente
Erguem as finas mãos contra o poente...
—Oh, meu Amôr não vês?!
—Deixem rezar...!

S. João do Campo—1912.

O INVALIDO

(A Mme. Coelho Neto)

"Mamãe, vá chamar Papae
Que eu embora vou
Para o Paraguay„

(Canção popular da epoca)

Fez-se de novo silencio na roda, e o dr. Fontoura retomou a palavra, dirigindo-se de preferencia ao Marques, o unico que lhe contrariava apaixonadamente as opiniões:

—O que eu vou dizer parece um paradoxo, mas é a verdade relativa, a unica que existe.

—Nesse caso, interrompeu o Marques, si a unica verdade é a relativa, deve-se logicamente concluir que não ha mentira absoluta?...

—Pois é claro! Verdades ou mentiras,—relativas e subjectivas. Diga a um bebedo que essa garrafa de agua mineral é uma garrafa de cognac, e elle acredita. E' uma verdade relativa,—em relação á confusão de idéas do ebrio, é subjectiva porque só elle acredita nessa affirmação. Si a verdade fôsse absoluta, isto é, unica e universal, jamais elle se enganaria, por maior que fôsse a dose de alcool sob cuja influencia estivesse. Logo, uma garrafa de agua mineral é uma garrafa de cognac, porque... *in vino veritas*...

—Perdão, mas o bebedo é a excepção, e nós devemos discutir com os homens normaes.

—Pa-ta-ti, cantigas! Quaes são os homens normaes? Em relação a nós, são aquelles que pensam como nós; em relação á civilisação, aquelles que pensam de accôrdo com a epoca. Assim, por exemplo, o hypnotismo é hoje uma coisa banal em sciencia, indiscutivel, indubitavel; mas era feitiçaria ha pouco tempo; por isso, admiramos a clarividencia do espirito de Balzac, que em 1836 fazia com que um dos seus medicos, Horace Bianchon, manifestasse ao seu tio Popinot a crença nesse meio scientifico da cura,—opinião que fez sorrir ironicamente o honesto e caridoso juiz, bem como a maioria dos leitores de 1836. Pela mesma razão, a critica tem considerado louco a um dos maiores poetas da humanidade,—Edgar Poe, não só pela idéa fixa do hypnotismo e do além-tumulo, como (para me sorrir das suas palavras, Marques) como por causa dos seus personagens de excepção. A Critica diz: "Para Edgar Poe a humanidade é exclusivamente composta de sêres desequilibrados, bizarros e doentes„. Essa maneira de dizer é a treva da psychologia. A critica verdadeira deve sêr esta: Para Edgar Poe a humanidade banal não tem attractivos; na humanidade elle só se digna de estudar os cha-

mados sêres desequilibrados, bizarros e doentes, isto é, aquelles que sahindo da chatice vulgar podem inspirar paginas que só serão comprehendidas pela maioria dos leitores dentro de dois ou tres seculos.

—Edgar Poe era um doido...

—Um doido! Um doido que com uma perfeição mathematica faz o *Escaravelho de Oiro;* um doido que faz do *Manuscripto encontrado n'uma garrafa* o admiravel symbolo da sua vida; para quem *Morella* são as reminiscencias; para quem *Ligeia* é a memoria; um doido que nos dá o *retrato* da nossa consciencia em *William Wilson;* que pinta o remorso no *Coração revelador;* que tão pavorosamente descreve a infallibilidade do nosso fim commum na *Mascara da Morte Vermelha;* que resuscita um mundo e uma civilisação na *Discussão com uma mumia;* que da *Ilha da fada* faz toda a vida... Doido, o profundo raciocinador do *Jogador de xadrez de Maelzel;* doido o autor do *Silencio!* Doido o poeta do *Corvo!* Eu assim tambem queria sêr doido...

Foi então que um rapazelho que eu ainda não notara na roda, um desses conhecimentos anonymos, abriu a bôcca para deixar escapar essa imbecilidade:

—Edgar Poe era um bebedo.

O dr. Fontoura olhou-o com despreso e respondeu:

—Isso é uma grosseria inutil que só pode sêr respondida com uma phrase de Baudelaire: "Il n'existe donc pas d'ordonnance qui interdise aux chiens l'entrée des cimetières?„

O rapazola sahiu corrido; o dr. Fontoura proseguiu:

—Toda a gente hoje admira Conan Doyle por causa da sua interessante creação de Sherlok Holmes; ora essa litteratura de detective que Conan Doyle faz com talento é a mesma que Poe fez com genio no *Duplo crime da rua Morgue,* na *Carta roubada* e no *Mysterio de Maria Roget,* tres verdadeiros modelos de logica. E eu quero vêr como é que a critica faz da logica um fructo directo da loucura. Edgar Poe louco! Louco o homem que imaginou *Eureka* e as *Aventuras de Arthur Gordon Pym!*

O Marques, sempre em opposição, indagou:

—O doutor tambem nega que Maupassant era um louco?

O dr. Fontoura depôz precipitadamente o cigarro no cinzeiro e atacou o adversario:

—Você foi infeliz na escolha, meu rapaz; Maupassant é o escriptor francez moderno que eu mais profundamente conheço. Conheço litterariamente, é preciso que se note. Tenho uma aguaforte com o seu retrato, sei que nasceu em Fécamp e que morreu com quarenta e tres annos; nada mais sei da sua vida. Mas é preceito commum que só se deve julgar os homens pelas suas obras. E vamos á obra de Maupassant. Eu sei de cór contos inteiros séus, passagens de romances e dos livros de viagem, li e reli todos os seus volumes, e affirmo que litterariamente (e no caso é só o que importa), Guy de Maupassant não é um louco. E' um escriptor impassivel: apresenta os typos e não se preoccupa em defendel-os ou

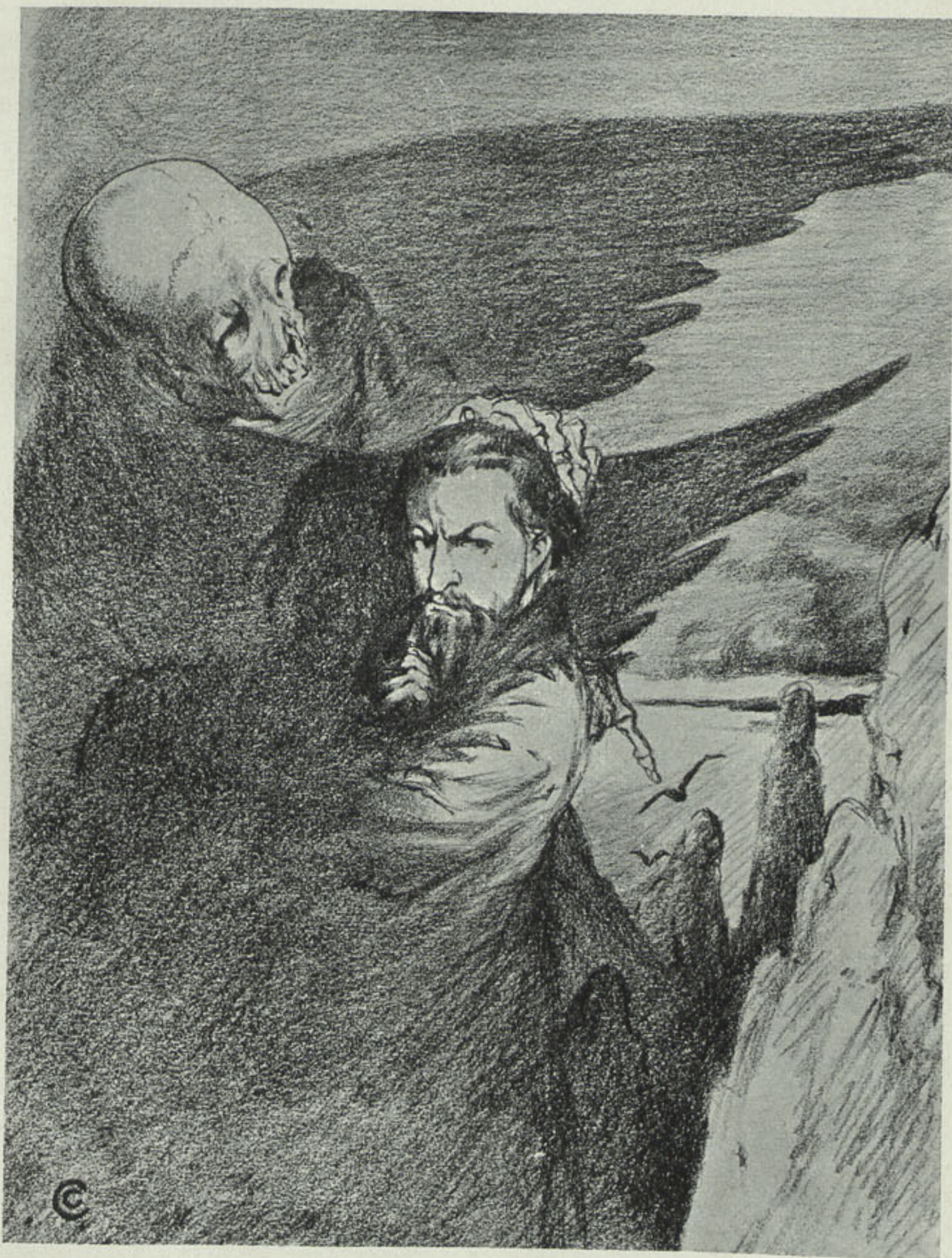
accusal-os; procede á maneira de Flaubert. Sente-se, porém, na sua obra a superexcitação dos seus nervos de artista; é uma vibração do temperamento poderoso.

—A superexcitação é um caminho para a loucura, observou o Marques.

—Está você muito enganado! A superexcitação é o estado natural de todo escriptor que não escreve por passa-tempo, isto é, de todo escriptor serio.

—Então *Le Horla* não é obra de um louco?

—Vamos proceder por methodo; façamos estatistica que é a unica maneira de demonstrar. Não tratarei nem dos sete romances de Maupassant, nem dos seus tres volumes de viagem, nem do seu theatro, nem dos seus versos. Estudemos apenas os contos que formam dezessete volumes. Dividamos esses contos á moda de Balzac, e teremos: scenas da vida privada, da vida de provincia, da vida parisiense, da vida politica, da vida militar e da vida do campo, estudos philosophicos e analyticos, e contos que eu chamarei bregeiros por falta de uma traducção exacta para "drolatiques„. Accrescentemos outras scenas que não figuram na *Comedia Humana*, e que são: scenas da vida errante, da vida estrangeira e da vida do mar. Ainda ficam alguns trabalhos inqualificados que opportunamente veremos. Está feita a distribuição e vejamos: scenas da vida privada, 61 contos; da vida de provincia, 15; da vida parisiense, 24; da vida politica, 1; da vida militar e quasi todos sobre a guerra de 1870, 19; da vida do campo, 38; da vida errante, 10; da vida estrangeira, 7; da vida do mar, 3; contos de estudo, 36; contos bregeiros, 20; sem designação especial, 14; total 248! E' prodigioso! Maupassant, que estudou a humanidade sob os seus multiplos aspectos, era um triste e um bom, como vôces podem verificar no seu livro *Sur l'Eau*, nas unicas paginas em que elle é pessoal, lindas paginas que não fôram feitas para o publico. Elle é o grande pintor da "grimace humaine„, na phrase felicissima de Anatole France, elle é o creador dos "étonnants études des paysans et des filles, qui révélèrent au monde des lettrés le nom du malheureux et génial Maupassant„, como diz Paul Bourget. Elle é um dos homens que eu desejaria ter sido entre os homens do meu tempo. Já vêm vocês, que são moços, que me devem fallar com mais respeito de Maupassant, a mim que sou um velho. Você, Marques, citou *Le Horla* como a obra de um doido. Ha outros contos que você esqueceu e que são: *Apparition*, um caso originalissimo de revelação de além-tumulo; *Moiron*, dolorosa psychologia de um professor de meninos que assassina os seus discipulos, dizendo imitar a lei de Deus; *La Nuit*, esse estupendo pesadello atravez da cidade; *Lui?*, a propria personalidade vista numa sombra, a nossa sombra, a nossa consciencia, o pavor de nós mesmos; *Qui Sait?*, conto extranho, que arrepia os cabellos e que tem a rara qualidade de nos dar o fremito demorado do pavor; *Le Tic*, pagina horripilante na vida de um velho; *La Main*, aquella mão sinistra que sae da parede para estrangular o assassino do seu dono; *Fou*, esse insuspeito juiz de monstruosa e fria mal-

dade. Supponhamos em principio que todos esses contos citados sejam producções de um doido,—que não são. Mas como se manterá esse falso julgamento ao verificarmos que no mesmo volume de *Le Horla* encontramos *Amour,* essas deliciosas paginas de um idylio de passaros, scena de floresta ao mesmo tempo mais cruel e mais dôce do que *Les émotions d'un perdreau rouge,* de Alphonse Daudet; *Sauvée,* de uma incomparavel *drôlerie; Le Marquis de Fumerol,* admiravel estudo de psychologia que faria honra ao autor de *Béatrix; Le Signe,* engraçadissimo e risonhamente doloroso castigo á curiosidade feminina; *Le Diable,* maldade brutal; *Les Rois,* essa tragica noite da guerra de setenta; *Au Bois, Une Famille, Joseph* e as desoladoras paginas de *L'Auberge* e *Le Vagabond?* Como se manterá essa crueldade da critica si *L'Apparition Moiron* e *La Nuit* são companheiros de volume do innocente amor de *Clair de Lune,* do episodio tragi-comico-burguez do *Coup d'Ètat,* do sinistro *Loup,* de *L'Enfant* (de que mais tarde se fez *Musotte*), da endemoniada do *Conte de Noël,* da *Reine Hortense,* desse consolador *Pardon,* da fantasia da *Légende du Mont Saint-Michel,* da paixão precoce de *Une Veuve,* de *Mademoiselle Cocotte,* de *Les Bijoux, La Porte, Le Père* e *Nos Lettres?* E assim todos os demais, agrupados com outros representam, indicam, pintam, contam os prazeres e as desillusões da carne, os falsos pudores, a fragilidade dos grandes odios de opinião, covardia dos amantes, a parte ridicula das coisas serias, resoluções pacificas de maridos enganados, avarezas comicas, melancolias da mocidade morta, vaidades satisfeitas, crueldades, orgulho, dramas de amor e ciume, singelezas campezinas, falsidades, vocações erradas, coisas ridiculas do heroismo, loucuras da bohemia, surpresas sinistras da volupia, episodios banaes de hoteis, approximações hediondas da familia e do lupanar, casos de consciencia, crimes pelo amor da moda, alegrias de ébrios, decepções nas lettras, paternidades crueis, covardia da coragem e coragem da covardia, loucura do alcool, miserias dos humildes, dramas domesticos, maldades frias da guerra, moralidades comparadas, pilherias de fazer rir, narrações de fazer chorar, tragedias pacificas, episodios burlescos, maguas sem causa, recordações abstractas, cynismos, vinganças, dôres, agonias, tristezas,—a vida.—Agora vou provar que se pode fazer um livro louco sendo-se perfeitamente equilibrado; o inverso é que é impossivel. Em primeiro logar: todo homem que pensa tem fantasia,—Socrates, Dante, Augusto Comte ou Renan; a fantasia augmenta de accôrdo com o grau da intelligencia; a intelligencia superior não se limita a fazer apenas aquillo que faz o seu dono, escravisado ás leis, ás tradições, aos costumes, á imitação e aos preconceitos. Em segundo logar: qual de nós se pode gabar de não ter jamais commettido um crime pelo pensamento? D'ahi se conclue que sejamos assassinos? Em terceiro logar: porque é que scientificamente se admitte a electricidade e litterariamente não se ha de admittir o *Horla,* esse moderno vampiro que abarca o cerebro como o polvo o corpo? *Horla* é uma creação symbolica, é a representação graphica do doloroso estado do nosso civilisado

DESENHO PARA O CONTO "DE COMO EU FUI ARMADO CAVALEIRO„
DO LIVRO DE JAIME CORTESÃO — "DAQUEM E DALEM MORTE„

De Cristiano de Carvalho

espirito condemnado a não sahir de nós mesmos e anciando por uma liberdade infinita e desconhecida, apenas suspeitada. Que *Horla* seja um conto de desespero, eu admitto; que seja um conto de loucura, absolutamente não. E para esta opinião ainda ha um argumento definitivo: dizem que Maupassant morreu louco a bordo do seu hiate *Bel-Ami;* que foi pouco antes de morrer que se manistou a loucura; ora, elle morreu em 1893 e *Horla* appareceu em 1887. Os demais contos se explicam á simples leitura; quanto a *Qui Sait?, Apparition* e *La Main,* eu me calo prudentemente para que vocês não espalhem a minha loucura... Eu não me envergonharia de ficar na companhia dos homens que fizeram a *Biblia,* de alguns gregos illustres, de Shakespeare, de Dante, de Cervantes, de Gœthe, de Byron, de Santa Thereza de Jesus, de Balzac, de Hoffmann, de Poe, de Gautier, do velho Dumas, de Victor Hugo, de Baudelaire, de Paul Hervieu e de Maupassant; mas sou medico e preciso da minha clinica para viver. E você, Marques, quando outra vez tiver vontade de chamar doido ao autor de *Fort comme la Mort,* fique em casa um dia e leia apenas este alphabeto: *Allouma, Boule de suif, le Champ des oliviers, Duchoux, l'Épare, la Femme de Paul, Garçon- un bok!, l'Hesitage, l'Inutile Beauté, Jadis, le Lapin, la Maison Tellier, Nos Lettres, l'Odyssée d'une fille, la Petite Roque, la Question du Latin, le Retour, les Sœurs Rondoli, les Tombales, le Vagabond, en Wagon* e *Yvette.* Faltam quatro letras; para substituil-as complete o alphabeto com *Mademoiselle Fifi, Monsieur Parent, le Gueux* e *Madame Baptiste.* Eu estimei como medico ter feito essa defesa que competia a um litterato e que se pode applicar a muitos autores; é muito facil chamar doido ás pessôas que não pensam como nós. Imaginem si Pasteur tivesse cahido em Paris no tempo de Luis XI!

O Marques sorriu.

—Doutor, porque em vez de vêr doentes o snr. não escreve livros de litteratura?

—Por duas razões muito simples: porque não sou um artista e porque, como Louis Lhotte, de um romance de Marcel Prévost, o prazer infinito que me dá a leitura será sempre um empecilho para eu escrever.

Eu estava profundamente admirado da prodigiosa memoria e da erudição litteraria d'aquelle medico; ia felicital-o, quando elle accendendo um cigarro, continuou, com uma ligação de idéas que me surprehendeu.

—Toda essa discussão nasceu de uma phrase que não terminei, e em seguida á qual ia contar-lhes uma historia. Quando o Marques me interrompeu eu começava: "o que eu vou dizer parece um paradoxo, mas é a verdade relativa, a unica que existe.„—O que ha na alma humana é o medo, isto é, a treva. Vejam no *Discipulo* de Bourget aquelle moço que tem medo de cumprir a palavra dada, que supporta o despreso da mulher a quem ama e que morre por elle, e tem a coragem de se não defender deante dos juizes e de affrontar o revólver vingador do irmão de Charlotte.

Foi por isso que eu contrariei a opinião do Marques quando elle disse: "O soldado japonez é valente, o soldado russo é valente." O soldado japonez é um homem fanatico, o soldado russo é um homem-machina. Mas si vocês me falam no plural é outra coisa, e eu estou de accôrdo que os soldados japonezes são valentes, que os soldados russos são valentes e que todos os soldados do mundo são valentes. Continuo a pensar que a coragem pessoal é apenas o dominio sobre os musculos da face; essa coragem é sempre calma, isto é, uma obra d'arte. A bravura já é outra coisa,—é o impulso, um desequilibrio da vontade, um arrebatamento furioso. E' quasi sempre contraproducente.

O Marques perguntou com visivel curiosidade:

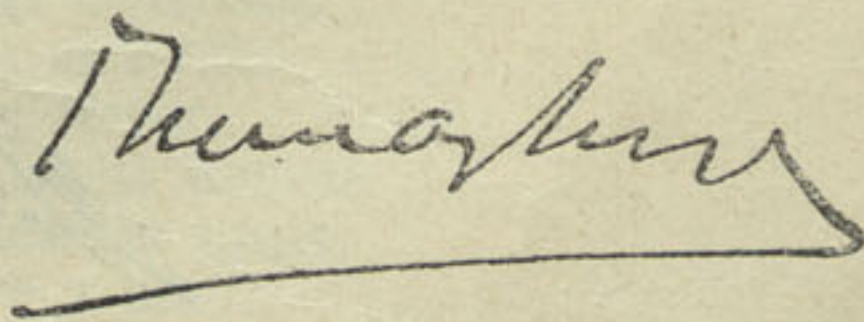
—Mas porque é que o senhor admitte que os soldados russos sejam valentes e não quer que o mesmo soldado singularmente o seja.

—E' muito simples: o soldado é o individuo que age e pensa por si, e que, apesar da sua vida profissional de sacrificio e abnegação, está sujeito ás mesmas leis de egoismo e de conservação de todos os homens. Os soldados são um corpo collectivo, dirigidos pela cabeça dos officiaes, formados em torno de uma bandeira que por uma bella ficção é a propria patria em marcha, vibrando ao som das musicas marciaes, envoltos na fumaça dos canhões, postos em frente do inimigo, o que já é um incentivo, e convencidos de que vão defender alguma coisa. Então todos elles são valentes, quer combatam pelos deuses, quer combatam pelas religiões, quer combatam pelos seus paizes. A coragem dos Gregos e dos Troianos inspirou epopias; ainda nos parece ouvir o estrepito das legiões de Cesar; e não ha um povo na Europa que não tenha os seus exercitos cobertos de loiros e de glorias. O poder numerico é uma blindagem; um simples pelotão castigado, vencido, dizimado, é capaz de verdadeiras abnegações de heroismo depois de algumas horas de luta, de sacrificio e de dôr, começadas com centenas de companheiros. E' preciso que o corpo se acostume. Você, Marques, nada muito bem; mas quando entra no mar, os primeiros cem metros são difficeis, desagradaveis, pesados; depois que o corpo se acostuma na agua você é capaz de ir até Icarahy. Que é isso? E' a febre. E' como no automovel, como na carreira de cavallos,—é a vertigem do extraordinario. E é tambem a vaidade, é o gosto do aperfeiçoamento. Eu, por exemplo, que sou um pessimo atirador, dou quatorze tiros sem acertar no cachimbo; si erro o decimo-quinto, que é o ultimo, pago e vou embora. Mas si acerto?—Compro mais munição na esperança de quebrar mais cachimbos. E' como quem lê, é como quem escreve, como quem fuma, como quem bebe, como quem se coça: a questão é começar. Vocês todos sabem dos verdadeiros actos de bravura dos soldados francezes durante a guerra com a Prussia; vocês viram o heroismo epico dos Hespanhoes; viram como os Boers se defenderam; sabem das guerras turco-russa, turco-grega, austro-italica, chileno-peruana e russo-japoneza. mas talvez não saibam que os nossos soldados tiveram no Paraguay

heroismos legendarios e atrevimentos de coragem. Um batalhão inteiro, sob o commando do Floriano Peixoto, deixou-se dizimar sob o fogo inimigo, sem dar um tiro,—para cumprir ordens superiores! A cavallaria de Ozorio faria honra ao mais brioso exercito europeu; as divisões do duque de Caxias eram celebres pela disciplina,—coisa extraordinaria numa nacionalidade em formação; a artilheria do conde d'Eu era modelar; as legiões dos voluntarios sem exercicio mereceram de Tiburcio a designação de "liões.„ Eu lhes vou contar um extraordinario caso de bravura singela a que assisti. Depois de uma escaramuça a vanguarda de reconhecimento voltou ás barracas; do outro lado, dividido por um velho muro esboroado, era o acampamento de onde os Paraguayos tinham sahido na vespera da nossa chegada. Os nossos soldados estavam no rancho quando entre elles cahiu uma granada inteira e fumegante. O primeiro momento foi de espanto; e os mais exaltados já se dispunham a atirar baldes d'agua sobre a granada, quando um dos soldados, baixo e rijo nortista, despiu calmamente a blusa, calmamente envolveu nella o explosivo, e atirando-o por cima do muro, gritou rindo para os inimigos invisiveis: "Vocês não vêm que aqui têm gente comendo, seus diabos?„ Pois bem, agora a psychologia do individuo: esse heroe, pouco tempo antes recrutado no Ceará, foi recolhido com os demais á cadeia transformada em quartel, pois já não havia onde alojar as legiões que partiam para o Sul. No dia seguinte ao da sua entrada esse homem quebrou propositadamente o braço direito contra as grades do carcere,—para sêr considerado invalido!

Marques não se deu por vencido:

—E como seguiu depois?

O dr. Fontoura encolheu os hombros:

—Por vergonha, remorso, dignidade, brio, patriotismo,—qualquer dessas causas fortuitas e ignoraveis. O certo é que tres mezes depois conseguiu alistar-se e partir.

—Voltou? perguntei commovido.

Não, morreu epicamente em Tuyuty, como tenente, defendendo a bandeira. E' pena que não tenhamos tido um Vitor Hugo para cantar essa epopia!—Você tem phosphoros? *Thank You.*

Montevideo—Abril, 1908.

Do livro "O Cisne branco„, a ser posto à venda em março pela Livraria Chardron.

Cartas de João de Lemos

III

Quinta d'Anta 19 de Dezembro de 1880.

Ill.^{mo} *Ex.*^{mo} *Snr.*

Sei muito bem que não sou empenho para V. Ex.ª, que muito fará se ainda não tiver esquecido o meu nome. E todavia atrevo-me a pedir a V. Ex.ª uma graça, que me pode fazer, sem allegar outras rasões senão as bôas condições em que está a pessôa a favor de quem vou pedir, e sem metter a V. Ex.ª outro empenho senão os naturaes impulsos dum coração bem formado. Morreu o correio de Maiorca, terra muito proxima desta quinta onde resido. Não sei se a politica terá de intervir nesta mesma pequena Estação postal; eu é que sei que, no meu pedido, me não guio por nenhuma consideração politica. Tive do fallecido, durante a vida, algumas rasões de queixa, mas esqueci-me dellas; hoje só me lembro da necessidade em que ficaram a sua viuva e filhos. E como um cunhado do falecido, tio dos orphãos, se preste ao trabalho do correio, que é capaz de desempenhar promettendo dar a sua cunhada e sobrinhos os proventos do cargo, de que elle não necessita, é por isso que eu tomo a liberdade de pedir a V. Ex.ª que me faça fineza de o preferir a elle, que se chama Antonio Pinto dos Santos.

Attenderá V. Ex.ª a minha petição, sem embargo de ir desacompanhada de uma recommendação valiosa ou de allegações politicas? Quero suppor que sim, pela agradavel lembrança que me ficou de V. Ex.ª, na unica vez em que tive occasião de lhe fallar, ha já bastantes annos.

E é tal a minha confiança que até já peço licença para lhe beijar as mãos agradecido, e dizer-me com toda a consideração e estima

De V. Ex.ª
Mt.º Att.º V.^{dor} *e Obg.*^{do} *servo*

João de Lemos S. C. B.

A' LAREIRA

A Raul Proença

Crepita o fogo na lareira,
As chamas lambem o carvão:
A noute passa ligeira...
Descansa tu á lareira,
Coração...

Já sobe o fumo ao seu tormento:
Logo no escuro o toma o vento
Como um ladrão...
Lá vai: bem ouço o seu lamento,
Coração!
Tu negro monge,
Sonha... Silencio... O pensamento
Corre nas trevas, vai com o vento,
Longe... longe...

E diz a chama da lareira:
—"Vejo-te agora a vida inteira,
Vou do teu berço ao teu caixão:
Repousa dessa canseira,
Calma-te aqui á minha beira,
Coração!

"Donde o almo hino se abreva
Quantos sumidos na treva
Que nunca mais te dirão,
Como um frescôr de aguas vivas,
As palavras lenitivas,
Coração!

"Correste por mar e montes,
Bebeste em todas as fontes
Com fervor:
E sempre em todas as fraguas
Encontraste as mesmas aguas,
Sempre a dôr...

"Mas olha: tudo na terra
O mesmo mal, que te aterra,
Conheceu:
Sei desse anceio, esse esforço...
—Tambem eu vibro e me estorço,
Tambem eu!

"Já fui como a alma que roga
Sêr uma pena que voga
Num remanso...
Como num tanque polido
Branco cisne reflectido,
Manso, manso...

"Já divaguei noute e dia
Pelos azues da utopia
Na ascenção!
Tambem eu sei muita cousa...
Mas vamos: Calma, repousa,
Coração!...

"Conversei hora após hora
Com o ar muito dôce e brando...
Ele esperava uma aurora,
Eu, não sei... subia agora
Vibrante, loira e canora,
Murmurando...

"Não viste em tardes sem mancha
Um fumo que se desmancha
Claro veu?...
Sou eu que subo e me expando
Alta e serena, voando,
Pelo céu...

"Tambem me criei com dôres:
São de pranto os meus fulgores,
Ao nascer...
Mas subi... Fui prece e santo,
Houve um poeta, houve um santo,
No meu sêr!

"Dei fervôr ás grandes lidas,
Despertei dormentes Vidas
Com as energias sumidas
No seio da terra mãi;
Sê como eu; e depois clama:
Tambem ha fé no meu drama,
Fui luz e gloria tambem!

"Nunca a alma o bem sepulta!
A idea que hoje se oculta,
Sobe amanhã, vibra, exulta,
Ei-la que vai sem prisões!
E' ela que vence o espaço
E prende com o mesmo laço,
Na terra, o seixo mais baço,
No céu,—as constelações!

"Mas que sei eu, que aconselho,
Tudo isto é ôco e já velho,
Tens razão...
Chorar, porêm, nada alcança:
Vamos; socega, descança
Coração!„

Antonio Sergio

O tragico fim de um caçador de symbolos

A Álvaro Pinto

I

laudio Simas, o melancholico, ingeriu de um trago um calice de absynto, abriu a janella do seu gabinete e olhou o campo verde, de um verde sereno de turmalina fuzilando ao sol de um fim de tarde primaveril.

Proximo á janella, um torçal de roseiras espargia o perfume suave das rosas, que era como que o halito aromado e subtil da Natureza.

Pela janella entrava um raio de sol macio e dourado, que ia morrer na pellucia de um tapete e scintillava sobre a mesa no vidro polyedrico dos tinteiros e na prata lavradà das canetas. Das paredes forradas de velludo roxo emergiam quadros symbolicos: a Morte, a Dor, a Saudade, o Amor macabro...

Aqui e alli, em desenhos multiformes, appareciam carantonhas hilares de damas esqueleticas...

A um canto, n'uma peanha de granito rosa do Oriente, descansava um vaso pompeiano repleto de helianthos ambarinos.

Sobre a mesa uma figura de satyro, de chavelhos retorsos, sorria na sua gelada indiferença de marmore...

Claudio debruçou-se na janella depois de olhar, hesitante, os aspectos tristes do fim do dia.

A tarde era para elle o momento symbolico, o instante supremo e inspirador...

As montanhas hirtas, recortadas violentamente, como silhuetas verde negras no ceu violaceo, o canto monotono das fontes, a musica quasi inaudivel das cousas e dos seres minusculos, o vento suave, eram os motivos da sua poesia evocadora, feita de cousas mortas, de saudades infinitas, de infinitos pezares...

Claudio tinha as melancholias dos poetas inglezes. Shelley, Tennyson, Browning, Rossetti, Keats, eram os eleitos da sua bibliotheca, eram os maximos, muito venerados...

Claudio via em tudo o symbolo como a razão de ser primordial da existencia...

Tinha a loucura do symbolo, queria-o em todas as cousas, moveis e immoveis, dentro e fora da natureza, como um reflexo da sua alma, como uma irradiação fugitiva do seu cerebro de nevrosado...

Encarnava o pensamento de Mallarmé... Para ele, sugerir pela imagem, definir vagamente pela idéa nebulosa, era muito maior que a concretisação, que a idéa evidente e palpavel do objecto...

II

Nessa tarde, Claudio estava impacientado com a terminação de um poema.

Havia n'elle um sol poente e uma donzella que morria com o sol.

Dizer, em alexandrinos magnificos de sonoridade e explendidos de contextura, que Rachel, a heroina, a victima do abandono de Rubens, o pagem loiro, morreu, n'uma tarde de primavera á hora em que morre o sol atraz dos morros espontados, era banal...

Claudio Simas, debruçado na janella, vendo a noite descer e o silencio pesar sobre todas as cousas, torturava-se, procurava uma imagem nova, capaz de symbolizar a morte da heroina do seu poema extraordinario...

Uma ave retardataria passou, ruflando as azas em demanda do ninho.

Claudio teve nos olhos um luzir de esperança.

—Achei!...

E fallou rapidamente para dentro do gabinete:

—E Rachel morrendo foi para o céu como a ave que regressa ao ninho...

Não ficou satisfeito com o final. E dizia:

—Como a ave que regressa ao ninho, não serve!... Eu já vi isso em outros poetas... Já vi...

E irritado com a sua impotencia mental, acrescentou:

—Ir para o céu ao morrer, é fraco e velho como symbolo poetico...

III

Claudio Simas, que naquelle instante se sentia fragil para expressar nos seus versos a idea maravilhante que lhe queimava o cerebro, fizera-se poeta notavel com uma poesia: *O Milharal*, em que, entre outras bellezas, havia um symbolo que chamava ás espigas pyramides salpicadas de botões de ouro...

Todos repetiam esses versos muito bem trabalhados, cheios de novidades e palavras exoticas...

Em Claudio era tão grande a preoccupação do inedito, que não raro a belleza singella era sacrificada pela exquisitice de um palavreado confuso, de varias linguas: inglez, francez, italiano, hespanhol, allemão...

Alguns dos seus trabalhos eram chamados ironicamente por um seu inimigo: — *diccionarios de sete linguas*...

Claudio Simas, antes de terminar o seu ultimo poema, estava impressionado com o symbolo final. Não lhe accudia ao cerebro, que fora tão fecundo em bellezas, uma unica imagem nova, uma unica que não fosse recordação da leitura apaixonada dos seus poetas favoritos.

N'aquelle fim de tarde primaveril em que o poeta se debatia entre os tentaculos herculeos da sua infecundidade, foi visital-o uma rapariga ingleza que elle conhecera em Pariz e que viera para a America.

Lady Proserpina procurou-o. Encontrou-o, caminhando a largas passadas pelo gabinete sombrio, dando de vez em vez fortes pancadas na testa, como que para arrancar violentamente uma recordação.

Ella ficou alguns instantes, contendo a respiração, occulta nas dobras de um reposteiro luxuoso e pesado.

Claudio era um nevrosado e um cardiaco pelas excessivas libações de absyntho que fazia.

O caçador de symbolos, sentindo confusas as ideas e uma nuvem diante dos olhos, tremeu. Accendeu a luz. Continuou a ver tudo o que o circundava, como si estivesse envolto n'uma espessa neblina.

Sentiu-se cambaleante e sentou-se alguns momentos n'uma poltrona.

Lady Proserpina olhava-o com os seus grandes e traidores olhos esverdeados, esperando uma occasião para assustal-o com a sua presença inesperada.

Claudio tirou da estante um volume de Dante Gabriél Rosseti e começou a folheal-o, nervoso.

Leu baixo, apressado, algumas estrophes e folheou-o de novo, mais agitado.

Levantou-se com o livro na mão, andou de um lado para outro e estacou diante da janella para respirar.

Fóra, no campo, os pyrilampos luziam com a sua luz inquieta e os grillos cantavam com a estridencia de uma extranha fanfarra...

Lady Proserpina moveu-se, lenta e insidiosa como uma gata, e tapou com as suas mãos muito brancas os olhos do poeta.

Claudio saltou assustado, soltou um grito cujo echo morreu nas dobras das tapeçarias e dos estofos do seu gabinete, e cahiu, estendido, no chão.

Estava morto. Lady Proserpina, de olhos muito abertos, ajoelhou-se ao lado do poeta e poude ver ainda entre as suas mãos o livro de Rosseti, aberto, e leu, mansamente, como uma oração funebre:

> Afar away the light that brings cold cheer
> Unto this wall, — one instant ande no more
> Admitted at my distant palace-door

Rio de Janeiro.

A MORTE E O DOIDO

(TRECHO)

A Philéas Lebesgue.

Era uma fria noite de Natal.
Já no Zenith a lua derramava
A sua palidez misteriosa,
Transfigurando as cousas que aparecem
Na sombra, com seus gestos de Phantasma
E atitudes de estranha Aparição...

Nos solitarios longes montanhosos
A nevoa e o luar, chimericos, deliam
A moribunda face da Paisagem...
E esta, por um milagre e encantamento,
Se espiritualisava, convertendo-se
Em Figuras de sonho, aéreos Corpos...
E eram perfis de Fadas espreitando,
Asas de Serafins que, no seu vôo,
Pareciam levar alguma Virgem...

A aragem fria e fina arripiava
As arvor's e os noturnos viandantes,
E retocava o brilho das estrelas.

Os pinheiros gemiam surdamente;
E na face das pedras espelhada
O luar abria n'um sorriso triste.

Vultos negros, opácos de penedos
Erguiam-se somnanbulos e mudos
No crepusculo, e olhavam como Esphinges...

Boccas da terra, as furnas murmuravam;
Sua liquida voz humedecia
O Silencio fechado, impenetravel...

O Silencio reinava: era o Senhor
Da Noite e da Paisagem, e o seu Reino
Para além das estrelas se estendia...

Por um longo caminho esbranquiçado,
Entre pinhaes sombrios e confusos,
A Morte cavalgava a largo trote.

As patas espectraes do seu Cavalo
Ouviam-se bater na terra dura
E sonora que o gêlo trespassava...

E figurava o ar a feia Morte,
Envolta em sua tunica de sombra,
Segurando na mão, só feita de ossos,
A Fouce, cuja lamina lusente
Reflectia o luar...
Seus fundos olhos
Encovados, volvidos para dentro,
Eram poços de treva, onde as estrellas,
Os morcêgos, as arvores, as nuvens,
Iam ver sua imagem reflectida...

Os passaros nocturnos, celebrando
A Noite nos seus cantos agoireiros
Esvoaçavam de encontro áquelas orbitas
Vasias, descarnadas: dois buracos
Apagados de luz, sêcos de lagrimas,
Sobre um gélido riso de caveira.

E a Morte cavalgava a largo trote,
Através d'um caminho esbranquiçado,
No arrepio da Noite e do Misterio...

O vento fino e frio maguava
As arvores, fazendo fluctuar
A tunica da Morte que envolvia
Seu corpo de esqueleto e as largas ancas
Do seu Cavalo, cuja sombra inquieta
E nervosa manchava a estrada clara...

E atravessava agora um indeciso
Planalto que emergia, com saudades,
Da cerração nocturna dos pinhaes...

As arvores fugiram... Simplesmente
Um rasteirinho tôjo agreste e bravo
Vestia de humildade aquela terra.
Nas suas hastes hirtas e espinhosas,
Aqui, além, por toda a parte, emfim,
Gôtas de orvalho, vivas, acordavam...
E em seus liquidos seios de esplendor
Presentia-se a lua encarcerada
Mostrando a face animica e divina...

N'esta altitude o Vento, embrandecendo,
Era uma sombra alada... E a lua, a prumo,

A SOMBRA

(Para o poemeto A MORTE E O DOIDO de Teixeira de Pascoaes)

De António Carneiro

Fulgia sobre a Morte que alongava
Os olhos pelo túrbido horisonte
Mais delido no céu e mais longinquo,
D'uma materia feita de chimera...

De vez em quando, ouvia-se um confuso,
Surdo rolar de rochas que desciam
Dos outeiros ás margens dos regatos;
Iam matar a sêde secular
Que lhes ficou dos tempos em que fôram
Raios de estrela florescendo a Lua.

E vinham na asa múrmura da aragem
Bater de palmas, risos de cristal,
Rasgando agudas fendas no Silencio.
Eram Bruxas malditas, pobres Ninfas,
Amantes do Demonio em vez de Pan;
Amam a noite triste e os sitios êrmos...
Trocaram seu antigo amor divino
Pela ironia escura e demoniaca;
E as florestas sagradas e o sol claro
Pelos bócos profundos, pela noite,
Pelos silvaes espêssos e aguas êrmas
Que a sombra torna lividas e mortas,
E onde as cousas noturnas se reflectem
Imaterialisadas, reduzidas
Ao seu simples e animico esqueleto...

E outras Bruxas, em bandos luarentos,
Passavam, no ar, dançando em turbilhão
Com alados Demonios coruscantes...

E o Mêdo, avô remoto de Phantasmas,
Sombra ancestral de Deus e da Piedade,
Condensava o luar em frias lagrimas,
Marmorisava os fluidos Longes vagos...

As Figuras da Noite, as Creaturas
Do nosso Pensamento, despertavam
Mal ouviam trotar a Morte...
E a lámina
Da sua Fouce ia, em curva, pelo céu
De horisonte a horisonte; e a sua túnica
Parecia manchar toda a Paisagem...

Teixeira Pascoaes

Cartas de Pinheiro Chagas

III

Meu caro Guilhermino

. . . .

Agradeço-lhe o que me diz de benevolo acerca do folhetim «Emilio Castelar». Não havia remédio senão empregar naquelle ensejo todas as armas de que pudesse dispor. O homem que não encontrava em Portugal a responder-lhe senão as vozes do Sousa Brandão e do Gilberto R., excelentes pessoas e excelentes republicanos segundo creio, mas pouco amadores do estilo, devia ir pouco entusiasmado com a eloquencia portuguesa. Tive a pequenina vaidade de lhe mostrar que em Portugal tambem se sabia escrever. As suas amaveis palavras far-me hiam acreditar que o consegui; se eu não soubesse que tenho a descontar nos seus elogios o ter sido lido o meu artigo pelo prisma da amizade, o qual como aqueles prismas pyramidais da physica recreativa, transforma linhas confusas em figuras encantadoras.

Beije por mim os seus encantadores filhinhos, apresente os meus respeitos a sua esposa e disponha do seu

Lisboa, 27-6-74

A.º sincero obg.mo

M. Pinheiro Chagas

EVOCAÇÃO PROFÉTICA

Batia de silencio a tarde no pinhal...
—Ramaria de sombras—mãos erguidas...
Em mystico transporte,
Os pinheiros dobravam seu perfil de morte...
Ungiam a penumbra...
E comovidas
Caíram as mãos-postas de Izabel,
Que nos deslumbra...
Invoca a mysteriosa Cathedral:
—Oh pinheiros feridos de divino!
A cantar vai
A Mulher portugueza
Vosso maritimo destino...
Nas águas a Penumbra da madeira
Será Nau derradeira
Onde se esvai
A Saudade Lusiada em Tristeza...
Ergue-te, originaria Cathedral
Duma Raça maritima a rezar!
Portugal! Portugal!
Missa Cantada!
Nau evocada!...

Orgão do Mar,
O vento ecôa trágico na rama
Que toda num delirio se inflama,
A perfeição de côr,
No incendio doirado do sol-por...
Esgarça-se a neblina,
A diluir incenso...
—Olor, olor...
E na divina,
Apenumbrada boca de Izabel
Esfuma-se um imenso,
Cósmico sonho,
A rasgos de pincel
Transfigurado nessa mesma côr,
Em que meus versos mysticos componho...
E de repente esvoa-se a Rainha
Em fumo aristocratico...
Silencio... vai fallar... dobra-se a Tarde!
O vento de calado, esmoreceu...
No calvario—crepusculo o Sol arde!
—Divina ladainha,

A evocação da Santa...
O mar, de extatico,
Desvairou longes pálidos de Céu...
—Portugal! Portugal!
Modela tua Alma de mysterio
Na penumbra bendita do Pinhal!
Saudade o Mar encanta
E fére-o
De longinquos rosarios d'orações...

Na alma de Izabel
Tocou em Sonho a lyra dum Camões!

Natal de 1912
Santa Marta — Viana.

Carlos de Oliveira

Das "Rosas Lusiadas„ a aparecer.

PORTUGAL

Portugal, meu paiz, ó meu berço doirado,
Que fada te fadou assim tão bem fadado?!

Morenas...
Trigueiras...
Ceifeiras...
Trigáes...

—Ó jardim de laranjeiras...
—Ó Paiz dos laranjais!

Terra de lindas cantigas
E de amorosos segredos,
Onde se apertam os dedos
E córam as raparigas!

Onde mulheres formósas,
Voluptuósas,
Desejósas
De desejos
E de beijos
Sensuaes,
Sentem pular-lhes o pé
Para caricias brejeiras,
Para... bem sabeis o quê,
Bem sabeis, não digo mais!

—Ó jardim de laranjeiras...
—Ó Paiz dos laranjais!...

Terra dos apaixonados
E dos valentes soldados,
—Linda trópa... linda trópa...—
Que ao morrerem na batalha,

Beijam primeiro a bandeira
Que ha-de ser sua mortalha.
—Linda trópa... linda trópa...—

—Patria:—botão de roseira,
Pôsto á botoeira da Europa!—

Out'róra no tempo moiro
Certa moirinha encantada,
Erguendo ao ar seu thesoiro
Que era o condão de uma fada,
Bráda assim:
—"Linda terrinha eu te agoiro
Encantamentos sem fim,
Um futuro a lettras d'oiro
Graváds sobre o marfim!"—
E lógo no mesmo dia,
E na mesma hora e minuto,
Se cumpriu a prophecia...
Vestiu oiro a côr do luto
E um certo sonho impollúto
Lindo Paiz concebia,
Que por óbra de magia
Como o fructo de Maria
Bemdito foi o seu fructo!

Portugal meu paiz ó meu berço doirado
Que fada te fadou assim tão bem fadado?!

—Portugal lembra um soldado,
—A ovelha, o valle, a bolóta...

—Lembra uma linda minhota
Com o seu trájo encarnado...

—Lembra o cédro e o rouxinol...

—Um desêjo que não cança...

—Um chapeu de pálha ao sol...

—Lembra uma linda lembrança!

—Lembra certas fazendeiras
Dando ao seu gádo os bons-dias...

—Lindas de lindas maneiras...

—Procissões e romarias...

—Lembra foguêtes, bandeiras,
—Lembra Manéis e Marias...

—Lembra uma rubra alvorada
—E lembra uns tristes amôres...

—Lembra um punhado de flôres
No collo da minha amada!

—Lembra o arádo
Puxádo
Por bois mansos e pacientes...

—Lembra a campónia a espalhar
Por sobre o sólo as sementes
Que tira ao seu avental...

—Lembra a ti'Anna a fiar
A' porta do seu casal:
N'um gesto todo simplêsa,
De mão tão enrugadinha
Mas tão cheia de dextreza,
Linho branco, linho fino,
—Linho que cheira tão bem!—

. . . .

—Ó Portugal, meu menino!
No berço da Natureza,
No collo da minha Mãe!

Morenas...
Trigueiras...
Ceifeiras...
Trigaes!...

—Ó Jardim de laranjeiras
—Ó Paiz dos laranjais!

S. João do Estoril.

Augusto Santa Rita.

LISBOA PREISTORICA

A ESTAÇÃO NEOLITICA DA CÊRCA DOS JERONIMOS

As grandes cidades que ocupam hoje o lugar de capitaes de Estados, quer tenham chegado a essa situação pelo seu poderio moderno, quer pelo esplendôr e atração do seu passado, possuem geralmente uma comprida historia cortada de vicissitudes e de grandezas, cuja origem vae perder-se em obscuros começos cheios de sombra e mistério.

Assim Roma e Atenas, Paris e Londres, Lisboa e tantas outras.

Até ha pouco mais de cincoenta anos, contentavam-se os antiquarios com rebuscar as velharias classicas de cada paiz, provincia ou cidade, procurando, por mero estudo uns, outros com o fim de tirar do passado maiores motivos de orgulho e grandeza regionaes, recolher na densa trama dos seculos todos os fios que diziam respeito aos respectivos lares. O que ficava para traz dessas antiguidades historicas, documentadas em inscrições e restos de edificios, era como se morto fôsse; se para alguns investigadôres o resto se preenchia com uns vagos nomes de tribus barbaras, para a maior parte deles (credulos ou patranheiros historiografos dos seculos XVII e XVIII), o principal trabalho consistia em entroncar todas as gerações de povos e reis na descendencia do biblico Adão e da mãe Eva pecadôra. A tradição moisaista absorvia os espiritos, e toda a historia dos homens começava ás portas do paraiso terreal.

Um dia porem a sciencia arqueologica saltou a barreira com que os dogmas e a rotina lhe embaraçavam o caminho e logo em todos os povos os vestigios de civilisações ante-historicas começaram a manifestar-se em quantidade, ao lado dos antigos vestigios classicos. E assim foi que apareceram os fundos de cabanas neoliticas sob o augusto *forum* de Roma; (1) assim foi que os instrumentos da epoca da pedra lascada, as provas materiaes da mais antiga civilização humana, se exumáram dos sub-solos citadinos do Gray's Inn Lane em Londres, (2) de Grenelle, Billancourt ou Villejuif, em Paris, (3) e de Santo Izidro em Ma-

(1) Em escavações feitas sob o *forum* de Roma, teem-se encontrado vestigios da civilização do Lacio na occasião da fundação da cidade, e tambem objectos caracteristicos da epoca neolitica.

(2) Londres e as suas vizinhanças, bem como os antigos leitos de cascalho do Tamisa e do Lea seu afluente, teem fornecido abundante colheita de objectos de primeira idade da pedra.

(3) "Logo a seguir ás descobertas de Boucher de Perthes, Hipolito Gosse começou a visitar com cuidado as *carrières de gravier* de Paris. Depressa reconheceu silices evidentemente talhados. Outros continuaram as investigações, e muitos *coups-de-poing* e exemplares diversos se encontraram, de Billancourt a Levallois-Perret e a Clichy, na planicie de Grenelle, em Gennevilliérs, Ville Juif. etc." De pag. 565 de *La Prehistoire* de Mortillet.

drid [1]. Largamente, o solo das cidades e o dos seus arrabaldes abriu para os colecionadôres e para os sabios, os escaninhos onde desde as primeiras idades do homem se guardavam para nosso regalo e arma de sciencia esses rudes instrumentos de pedra que a necessidade ídeára entre as primeiras raças.

E a nossa capital, a nossa Lisboa das conquistas não havia de possuir para ajuntar ao seu brilhante passado historico, uma tradição preistorica que lhe formasse um fundo vago e atraente de raças e civilizações perdidas sem o qual já não passa nenhuma das grandes cidades europeas?!

O passado romano de Lisboa é por demais conhecido. O teatro das Pedras Negras, as térmas da Rua da Prata, a quinta do governadôr da cidade sobre o alto onde hoje assenta o palacio Bragança, o castelo romano sotoposto ao medieval e ao actual em S. Jorge, e as duzias de inscrições por toda a cidade achadas, de que falam os antiquarios, são tudo cousas que o lisboeta curioso conhece de ter seguido com interesse os poucos artigos que o Seculo, o Diario de Noticias e a Ilustração Portugueza lhe tem servido sobre o assunto.

Mas anteriormente a essa Felicitas Julia da epoca romana, o que existia aqui? Decerto um *opidum* barbaro, importante tambem. A situação geografica era fadada para que se desenvolvessem depressa no seu recôvo de montes, à beira rio, os estabelecimentos ou povoações, aqui fundadas.

Uma grande cidade não apparece de um jacto; faz-se com o tempo. São raros os exemplos como Lambesa ou Timgad que o imperador Trajano levantou do nada, do solo pedregôso duma planicie, no ano 100 da nossa era.

As provas materiaes, unicas aceitaveis, da ocupação pré-romana do solo da cidade, são pequenas; reduzem-se quasi a uns cacos pintados extraidos do fundo dum poço do claustro da Sé.

Ha anos por ocasião de uma limpeza desse poço vieram no entulho varios fragmentos de ceramica pintada, fusaiolas, e alguns percutôres-gastadôres, aproveitados de seixos rolados, ovaes.

A ceramica pintada é igual á que o ilustre arqueologo Santos Rocha encontrou em S.ta Olaia e tão brilhantemente descreveu; é tambem igual a que eu recentemente encontrei em Conimbriga, na camada pré-romana da cidade, até então desconhecida e inexplorada. E' ceramica iberica, embora não seja precisamente a ceramica iberica que se encontra na Espanha. A' nossa attribue Santos Rocha origem e modelos punicos, o que é naturalmente admissivel, visto serem os cartaginezes um povo comerciante por excelencia e ter estado longo tempo a Espanha sob o seu domino ou influencia antes das guerras com Roma.

Os objectos da Sé, sendo pois iguaes aos de S.ta Olaia e Co-

[1] Em 1863 descobriu-se o primeiro *coup-de-poing* no valle do Manzanares, em Santo Izidro a juzante de Madrid e dahi em deante não deixaram mais de aparecer.

nimbriga, pertencem consequentemente á 2.ª idade do ferro, epoca em que portanto era habitada Lisboa.

Os auctores antigos que davam a nossa capital como fundada por Ulisses, colocavam-lhe as origens mais atraz, em plena epoca do bronze, visto que a Odissea em que se fundavam não era senão um périplo fenicio dessa epoca, posto em verso.

Da idade do bronze, é que ainda não apareceram na area da cidade actual, provas claras. Embora não se tenham recolhido documentos desta cidade e d'outras intermedias, qualquer pessoa medianamente ilustrada pode porem pensar que pelas leis da fatalidade historica, devia ter existido neste local propicio uma longa e continua serie de raças e civilizações. Todos os povos preistoricos, comerciantes ou conquistadores hão de ter aportado aqui, ao remanso deste estuario imenso e tranquilo, ao abrigo destes montes irregulares, aptos para a defesa de feitorias, pontos de appoio favoraveis.

E anteriormente ao ferro e ao bronze, ás idades metalicas, que se conhece da vida de Lisboa?

Ha poucos anos ainda, o ilustre investigador Pedro de Azevedo, escrevia no começo de um artigo do *Arqueologo Portuguez*. "A vida preistorica de Lisboa é completamente desconhecida, porquanto nenhuns momentos daquelas eras se teem até agora registado, sendo certo que a excelente situação de Lisboa e do vale formado pelos montes do Castelo e do Carmo, atrairia as familias nomadas a estabelecerem-se periodica ou definitivamente ali. Mas as profundas transformações que Lisboa tem sofrido, e os aterros propositados ou naturaes subverteram por completo os grosseiros edificios e instrumentos dos antigos povos que estes deixavam sempre disseminados como que marcando a sua passagem. Mesmo os arredóres da cidade são quasi desertos de *coriscos* ou *pedras de raio*, e os mais proximos monumentos só aparecem em Belas, Liceia e Campolide.

Esta carencia de instrumentos deve-se talvez, mais a ignorancia e desprezo do povo que, em geral, se encontra sempre mais rude junto dos grandes centros, do que á falta dos referidos objectos„.

Escolhi intencionalmente este trecho, porque nele se encontra resumido o que se pensava até ha pouco da vida preistorica de Lisboa. Ha contudo ali certas afirmações que necessitam aclaramento. A ser habitada qualquer parte do centro de Lisboa, do coração da cidade, essa parte devia constar dos saltos do Castelo e do Carmo e das encostas dos respectivos vales; primeiro, porque o uso dos salvagens preistoricos não era acantonarem-se nas planuras, depois porque pela chamada Baixa, da cidade, entrava ainda no seculo XV um largo esteiro, que mais largo deveria ser em tempos antehistoricos.

Um outro ponto da cidade me parece dever guardar no seu solo restos de povoações preistoricas. É o esporão montuoso que acompanha em menor altura a linha de cêrros da Penha e Graça, e que termina por alturas dos Capuchos, sobranceiro à Avenida.

Nota-se-lhe bem o relevo propicio, nas manhãs de nevoeiro fraco, em que o casario desaparece esbatido deixando bem clara a impressão orographica.

Uma outra observação do ilustre homem de sciencia me merece reparo; a de que o povo se encontra mais rude junto dos grandes centros. O que acontece, é que sendo o nivel da cultura do homem do arrabalde pouco mais levantado que o dos restantes aldeãos, a diferença entre a civilisação citadina e a rural parece mais acentuada.

Portanto o não se encontrarem objectos arqueologicos em Lisboa e circumvizinhanças, era devido não aos habitantes, mas sim ao facto de aos nossos arqueologos não ter vindo á ideia o explorar o terreno da propria cidade, como presentemente se tem feito.

A vida preìstorica de Lisboa vae-se agora aclarando pouco a pouco, e se não se encontra já completamente conhecida é por ser impossivel tentar explorações proficuas sob o casario.

O coração da cidade, de S. Pedro de Alcantara e Bairro Alto ao Castello, é um cofre fechado; na parte excentrica, porém, muito dentro de barreiras, ha vestigios importantes de povoações da idade da pedra, algumas das quaes eu já tive ocasião de descrever em numeros anteriores desta serie de estudos sobre a Lisboa Preistorica.

Com elas vieram preencher-se mais vagas dos elos da cadeia que desde os *coups-de-poing* quarternarios de Monsanto [1] até á Lisboa da Republica tem vindo formando uma interminavel linha de evolução, tão obscura como certa.

O objecto do presente trabalho é archivar mais alguns documentos referentes a uma nova estação preistorica situada dentro da area da cidade de Lisboa, na cêrca do velho convento dos Jeronimos.

(Continúa)

Vergilio Correia

[1] Lisboa possue tambem dentro da sua area, na vertente sul da serra de Monsanto, a melhor estação paleolitica de Portugal, abundante em instrumentos perfeitos e de bellas dimensões.

Nova teoria do sacrificio

III

Terminamos assim o passado artigo: "Parece-nos que achamos um facto importante, *que fatalmente se deu,* colocado na aurora da espécie. Veremos que a sua tradição e mitos estão espalhados universalmente, e, por fim, provaremos que a sua dramatisação dá o sacrificio."

Neste artigo e no proximo referir-nos-hemos aos mitos aludidos, continuando a refundir o nosso trabalho já citado no numero anterior. Vamos estudar, pois, os mitos referentes á queda do homem, que, se a nossa interpretação é verdadeira, são écos mais ou menos distinctos da passagem da alimentação frugivora para a animal, o que, ainda segundo a nossa interpretação, deu logar á aparição do homem.

O mito que mais promenores conserva dessa mudança de regimen, é certamente o relatado no 2.º e 3.º capitulos do Génesis, [1] embora o facto de aí se atribuirem as desgraças do homem a um fruto, despistasse por completo todos os interpretes e comentadores antigos e modernos.

Faremos ver mais adeante os motivos por que apparece fruto em vez de carne. Para não embaraçarmos a nossa exposição, entremos já nos detalhes do mito.

No Génesis, o quadro dos efeitos da mudança de regimen, é, a bem dizer, completo e duma precisão absolutamente notavel, atendendo á enorme antiguidade da narrativa.

Lembramos ao leitor, para mais clara compreensão do nosso assunto, a conveniencia de ter presentes as considerações que fizemos no capitulo 2.º do artigo anterior.

Diz o Génesis que o homem era inicialmente frugivoro, [2] o que está de acordo com o que sabemos da sua origem simiana, sua anatomia, etc., afirmação que tambem se encontra em um grande numero de mitos do paraiso. Depois da queda, teve o homem de trabalhar para viver, de suar o seu rosto para comer o pão, [3] referencia á vida ociosa do antropoide no bosque, e á ne-

(1) Redacção Jeovista, a mais antiga, segundo Lenormant "Les Origines de l'Histoire," vol. 1.º pag. xv). Reinach "Cultes, Mythes et Religions", pag. 354 do 2.º vol.) diz que os caractéres da queda "são incontestavelmente muito arcaicos." Nas citações do Génesis, seguimos a tr. de Lenormant.

(2) Gen. I, 29 (eloista), II, 9 e 16 e III, 2.

(3) Gen. III, 17 e 19.

cessidade de trabalho no homem, por mais rudimentar que seja a sua civilisação.

Depreende-se que vivesse familiarmente com os outros animaes, [1] pormenor que não é de extranhar numa narrativa das origens humanas. Quando frugivoro, sem atacar os outros animaes para os comer, antes talvez dos mamiferos carnivoros [2] afastado certamente dos grandes saurios, que procuravam a proximidade da agua, é de crer que vivesse pacificamente com os animaes que o rodeavam. Este traço, embora um pouco velado, aparece no Génesis, como dissémos, e assim o entenderam os hebreus, como se vê por uma passagem de Flavio Joseph, nas suas "Antiguidades judaicas„, segundo a tradicção latina de Sigismundo Gelenio.

Eis como o sacerdote hierosolimitano introduz o dialogo da serpente com Eva: [3] (Cum autem, per id tempus *nullum esset inter animalia dissidium,* et serpens familiariter cum Adamo et uxore degeret, etc.„

Isaias, descrevendo a era da justiça e da paz, refere-se a um tempo em que a pantera se deite com o cabrito e a leoa coma palha com o boi [4] a proposito do que, diz Gunkel: [5] "Uma tal imagem responde sem duvida á que a narrativa da creação faz supôr. Não se póde ter esta descripção por uma invenção do profeta. Se o fosse, era notavelmente fantastica e num homem como Isaias, dificilmente compreensivel. Só é concebivel se se reconhece que aqui toma e utilisa para seu fim, uma materia dada pela tradição. Ele cita aqui o mito da edade de ouro... Desaparece qualquer duvida pela consideração de tambem nos mitos gregos e persas aparecerem descripções semelhantes.„

Nós tentaremos provar no proximo artigo que o mito da edade de ouro não é outro senão o do paraizo, de que nos vimos ocupando. Em reforço dos argumentos apresentados, podemos ainda referir-nos á iconografia do pecado original, representando sempre o primeiro par rodeado dos mais diversos animaes.

Ora se assim viviam em boa camaradagem o antropoide e os outros animaes, depois da queda, isto é, depois que começou a persegui-los, desapareceu essa harmonia para dar logar ao terror da parte dos animaes ao antropoide—á fuga, possivelmente ao ataque. O Génesis fala-nos da inimisade entre a raça da mulher e a raça da serpente [6] e Bossuet [7] historiando o pecado e o castigo, assim se exprime: "Ao mesmo tempo, tudo para ele (homem) muda... os

(1) Gen. I, 26 (el.) II, 19 e 20 e III, 1.

(2) René Quinton, art. cit. V. a discussão das ideas de Quinton em "L'Histoire de la Terre,» de Delaunay. Sobre as pacificas relações entre animaes preistoricos, póde ver-se Gaudry—«Les Ancêtres de nos animaux,„ os capitulos referentes a Pikermi e a Leberon.

(3) Fl. Jos. «Opera quae extant etc.» ed. Grec. lat. 1634.

(4) Isa. XI, 6 a 8.

(5) Gunkel—«Shöpfung und Chaos in Urzeit und Endzeit»—Götingen, 1895, pag. 13.

(6) Gen. III, «15.

(7) Bossuet—«Discours sur l'Histoire Universelle.»

animaes que lhe serviam, mesmo os mais ferozes, os mais odiosos, de divertimento inocente, revestem-se para ele de formas horrendas.„ Este dado, um tanto obscuro, esclarece-se pelo confronto com uma passagem de certo mito que havemos de estudar no proximo numero.

Continuando no exame das condições de *Adão* anteriormente á queda, expressas no Génesis, notemos que elle não tinha o conhecimento do bem e do mal, o conhecimento da sciencia ([1]). Ainda isto é duma justeza flagrante—é a diferença entre a mentalidade do antropoide e a do homem.

Depois da queda, de comer o fruto fatal, a carne, esta vida feliz volveu-se no mais horrivel martirio. Veio a nudez (a queda do pelo) circunstancia mencionada nalguns mitos congéneres, e que já vimos ser uma consequencia do regimen carneo nos simianos. E' possivel que nessa passagem haja tambem qualquer alusão á origem do pudor, que, pelo menos numa certa medida, é uma propriedade exclusivamente humano ([2]); mas se o pudor justifica a cintura de folhas de figueira ([3]), não explica as tunicas de pele ([4]) com que se vestiram.

Já nos referirmos á necessidade de trabalhar para viver, que aparece depois do pecado. A imortalidade ([5]), expressão duma vida longa, sem as doenças produzidas por uma alimentação impropria e actividades e costumes novos, a que o organismo não estava adaptado, foi perdida; a vida tornou-se breve e contingente.

Tão exacta é a narração que vimos estudando, que até as dôres do parto, que são, como já dissemos, na sua brutal intensidade, peculiares á mulher, e que provêm do augmento do volume do craneo, aí vêem apontadas como um dos efeitos da queda.

Tendo a menstruação, como se manifesta na mulher, particularidades especificas, ([6]) deveriamos encontrar no mito adamico qualquer referencia a ela. Com efeito, o eminente sabio Salomão Reinach, num estudo sobre a serpente e a mulher ([7]), emite a hipótese, a nosso ver verdadeira, de que um dos castigos inflingidos á raça da mulher, de ser mordida pela serpente no calcanhar ([8]), é uma falta do redactor da narrativa, devendo ser primitivamente uma referencia á inimisade entre a serpente e a mulher, visto como é uma tradição muito espalhada entre os primitivos que a menstruação é causada pela mordedura dum animal, em geral pela serpente. Nos museus de Berlim e de Munich existem estatuetas originarias da Nova Guiné, representando mulheres a serem mordidas, a meio do corpo, por serpentes e crocodilos.

Com a relativa civilisação veio a familia, quer monogamica,

([1]) Gen. III, 5.
([2]) Detalhes sobre o pudor: Havelock Ellis, "Etudes de Psychologie Sexuelle —Trad. de Van Gennep, 1912, "tom. 1.º„ La Pudeur, etc.
([3]) Gen. III, 7.
([4]) Gen. III, 21
([5]) Gen. II, 17 e III, 3.
([6]) Metchnicoff, ob. cit. pag. 118. V. Havelock Ellis.
([7]) Reinach—"Cultes, Mythes et Religions„, ob. cit. pag.396 a 400 do tom. II.
([8]) Gen. III, 15.

ESTUDOS

De Domingos Sequeira

quer poligamica. Pois tambem no mito da queda do homem se faz alusão bem clara a essa instituição, marcando a dependencia em que ficou a mulher perante o homem [1]. Surgiu a inteligencia [2]. E pois que o tipo humano se manteve, os efeitos da culpa persistiram.

Os hebreus conservaram, como temos visto, todas as particuridades da tradição. Sem duvida que foi muito alterada; que foi posta em função de Jehovah, que certas passagens têm a aparencia de não primitivas, como jardim em vez de floresta, e a guarda e conservação desse jardim; que deixou de ser uma tradição para ser um mito, no sentido que ligamos á palavra; mas os numerosos dados que tão singularmente se adaptam á narração das origens humanas, provam seguramente que ela é remotissima, contemporanea ou quasi contemporanea dos factos referidos, porque a grande distancia, sem o conhecimento da anatomia e da fisiologia comparadas, das sociedades animaes, da higiene, das hipóteses transformistas, não se podia tentar uma reconstiuição do passado com tantos pontos de contacto com a realidade.

Diz-se que os diferentes dados do mito são outros tantos mitos etiologicos. Mas como se gruparam tantos mitos etiologicos em volta dum mesmo nucleo, que, por o maior dos acasos, correspondia a um acontecimento que tinha como consequencias precisamente os factos que esses mitos explicavam? Como se operou a selecção de efeitos que só convinham a um determinado sucesso! Depois, como é que todos os povos se encontraram no absurdo, pois que, tomadas isoladamente, cada uma das explicações é um absurdo? Por exemplo:

—Porque tem a mulher dores de parto?

—Porque Deus castigou-a por ter comido certo alimento. Isto não faz sentido. A sua verdade está no conjuncto, e temos de admitir então que a narração ou é um mito derivado duma tradição verdadeira, ou que os que fizeram a fusão dos mitos etiologicos no mito da queda do homem, conheciam a realidade, o que é de todo o ponto inadmissivel. A hipotese do acaso, essa, só por um milagre se explicaria.

E' tempo de provarmos que a base de que partimos é verdadeira, isto é, que por forma alguma o Génesis se póde referir a fruto, mas sim a carne.

Em primeiro logar, todos os mitos do pecado original, como veremos, atribuem a queda ao uso dum alimento novo. Pela constancia da tradição, é-se forçado a admitir que efectivamente é dum alimento que se trata, e dum alimento extraordinario, para tamanha impressão fazer nos homens. E' evidentemente a uma mudança de regimen que o mito se refere, porque um novo alimento, dentro do regimen seguido, não poderia ter tão grande importancia. Se o homem fosse inicialmente carnivoro, a mudança para o regime frugivoro trazia-lhe uma revolução na sua vida nos seus costumes. Se

[1] Gen. III, 16.
[2] Gen. III, 22.

fosse frugivoro, a passagem para o regimen da carne, acarretava-lhe como já vimos, perturbações ainda mais profundas. Sabemos porém que o antropoide era frugivoro, pelas razões já expostas; logo, essa mudança de regimen foi da fruta para a carne.

As consequencias dessa variação eram de molde a torna-la o facto mais notavel da vida da especie (foi até a sua origem) e já vimos que o mito que estudamos as exprime com suficiente nitidez.

Mas ha mais. Se realmente a causa da queda do homem fosse um fruto, era de presumir que entre os hebreus e povos que possuissem mitos semelhantes houvesse uma grande repulsão por esse fruto, ou, por uma generalisação frequente nos primitivos, por todos os frutos, o que não se dá. Vemos, pelo contrario, o culto das arvores extremamente difundido ([1]), e o frugivorismo ou o vegetarismo serem a alimentação ideal (ascetas, sacerdotes, santos, etc); ao passo que o uso da carne está sujeito a numerosos e caprichosos tabús, como todos sabem.

Uma outra prova, ainda que indirecta do que afirmamos, é-nos dada pela explicavel aparição da serpente, desde que se admita que sugestionou a mulher para comer carne em vez dum fruto. A serpente é um animal carnivoro. A imagem — comer carne como a serpente, imitar a serpente, dava facilmente o dialogo que lemos no Génesis.

Por principio algum pode ser fruto. Mas como se daria a confusão, pois que é um facto que o Génesis se refere a fruto?

O nucleo duma tradição, embora persista, não é por forma alguma inalteravel. Sofre abrandamentos, degenerações, reforços, segundo as ideas, costumes, sinonimia e, no nosso caso, flora e fauna das regiões onde é transportado. O nucleo, ainda assim, conserva-se. Todos esses mitos da queda do homem têem um maximo divisor comum, que é a idea geral de alimento. Quaes os motivos, no entanto, que poderiam produzir a alteração?

Dois ou tres motivos principaes se apresentam:

1.º Um fenomeno de assimilação.

2.º O duplo sentido duma palavra, favorecendo essa assimilação.

3.º Talvez um erro de leitura.

Vamos ao primeiro caso. Ao lado do alimento funesto, proíbido, havia, nos varios paraisos, um alimento permitido, até benefico, designado por alimento de vida, arvore da vida... Os mitos babilonicos falam-nos desses alimentos de vida, a Persia tinha a arvore de todo o bem ou de toda a semente, correspondente á arvore do bem e do mal, e o Haoma, que é utilisado em varias cerimonias religiosas, e cujos fructos dão a imortalidade; e, passando em claro grande numero de arvores da vida, vamos encontrar no Eden uma arvore da vida, cujos fructos não eram vedados ao homem, privilegio que perdeu depois da queda.

O sentido deste alimento de vida invariavelmente vegetal, pa-

([1]) Falaremos noutro logar nos tabús vegetaes.

rece-nos bem transparente. E' a idealisação pelos homens do seu passado frugivoro, desses frutos que não lhes davam trabalho nem sofrimentos, e que lhes mantinham o corpo são e vigoroso.

Abandonando, por qualquer causa, o seu logar de origem, apanhado na engrenagem da civilisação, quando já era impossivel o regresso á vida antiga, então o homem chorou essa edade de ouro perdida, que voltaria talvez só lá para um futuro longinquo, pelo poder dalgum Deus. E' o simbolismo do Génesis (1). Eis quanto a nós a significação das arvores da vida que enxameiam em todas as mitologias (2). Tudo isto nos autorisa a seguinte aproximação: a influencia dum alimento de vida, representado por uma arvore, por um paralelismo tão querido aos hebreus (3) e em geral aos antigos povos converteu carne—ou um nome concreto de animal, suposto primitiva vitima da voracidade do homem, em fruto ou arvore.

Mas esta assimilação podia ser poderosamente ajudada pelo duplo sentido duma palavra. O nome particular do alimento que forma a base da alimentação numa epoca, tem, além desse sentido particular, o sentido geral de alimento. Pão significa o pão propriamente dito e alimento em geral. Ex. "A conquista do pão,„ titulo da obra de Kropotkine, conservando esse duplo sentido em todas as linguas em que foi traduzida. A palavra hebraica (*lchm*) (4) significa pão, fruto e alimento. O hebraico (*shar*) é carne e alimento, da mesma forma que a palavra (*leom*). O grego *sitos* responde a trigo e a tudo em geral que serve para comer, ao que chamamos viveres. O latim fructus, o fruto, vem da raiz bhrug, comer. Carneiro deriva de carne, e hœdus, segundo Isidoro, de edere, comer (5). Os exemplos são numerosissimos em todas as linguas. Já se pode ver a confusão que muitas vezes resulta destes dois sentidos, pela frase tão conhecida da biblia—comerás o pão com o suor do teu rosto (6). Esta palavra "pão„ destôa numa narrativa que se refere á origem do homem, quando evidentemente ainda não tinha utensilios para fazer o pão. Decifrando penosamente o texto hebraico, vimos que a palavra que tem sido tradusida por "pão„ na citada frase, é a palavra (*lchm*) que já dissemos significar pão, alimento e fruto. A tradução aqui por alimento, parece-nos absolutamente preferivel.

Se os fructos foram a primitiva alimentação, fructo significaria tambem alimento. Já o vimos na ultima palavra citada. E assim ainda mais correcta seria a tradçuão, na frase referida, de (l ch m) por fruto.

(1) Gen. III, 24.

(2) Para arvores da vida, V. De Gubernatis—"Mythologie Botanique„, 1878; Constantin—"La Nature Tropicale„, 1899, 6.e partie; Obry—"Du Berceau de l'Espéce Humaine„; "Rameau d'Or„, já citado, etc.

(3) Cp. a estrutura do verso hebraico.

(4) Abbé Courdavault—"L'Hebreu apris facilemente„, etc, 1903, pag. 80.

(5) Fr. Diez—"Etymologisches Wörterbuch der Romanischen Sprachen„, fünfte Ausgabe, 1887, pag. 437. v. Carnero.

(6) Gen. III, 19.

Falamos num erro possivel, tambem. É que a palavra que nos versiculos do Génesis vem com a significação de fruto, é (Ph r i), que, em muitas formas, se confunde com (Ph r), o bezerro. Um exemplo entre muitos: (Ph r i e) vituli ejus e (Ph r i e) fructus sui [1]. A unica differença está nos pontos massoréticos, invenção aí do VI seculo da nossa era [2].

Vamos agora ver em acção uma confusão de ideas identica á que nos temos referido, que é a melhor ilustração possivel para a nossa demonstração. Trata-se dum facto sabido, mas que vem para o nosso caso com uma maravilhosa oportunidade e que dalgum modo corresponde a uma experiencia de laboratorio. Vamos falar do caso do jardim das Hespérides, com as suas famosas maçãs d'oiro. Ora essas maçãs d'oiro são... carneiros ou cabras.

Vamos dar a palavra a Diodoro Siculo: "O seu (de Hercules) ultimo trabalho foi trazer as maçãs d'oiro das Hespérides... A opinião dos mitologos está dividida a respeito d'estas maçãs: uns dizem que havia maçãs d'oiro em alguns jardins das Hespérides, na Libia, continuamente guardadas por um terrivel dragão. Outros sustentam que possuiam tão belos rebanhos de ovelhas que por uma metafora poetica, as tinham chamado maçãs d'oiro, como se diz Venus dourada, por causa da sua belesa. [3] „

Um sabio ilustre, Miguel de Bréal, diz-nos a respeito das Hespérides: A narrativa habitual era (entre os gregos) ouvida com uma atenção religiosa: mas se, no decorrer da narração, se apresentava alguma palavra de duplo sentido, que permitia dar ao mito uma direcção nova, esta ocasião era aproveitada com alvoroço, e o narrador, em parte levado pelas suas palavras, em parte pelo auditorio, dava uma feição imprevista á historia... Isto não impedia de reproduzir exactamente, excepto num ponto, a narração primitiva. „

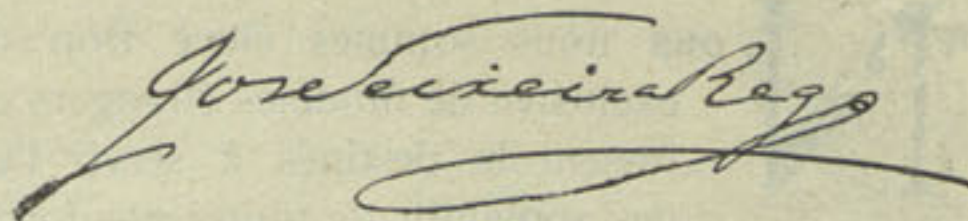
" A fabula das maçãs d'oiro repousa na confusão de *mélon*, cabra e de *mélon* maçã. Encontramos ahi todas as circunstancias do mito de Heracles e de Gérion [4]„.

Vejamos ainda uma auctoridade em mitologia grega, P. Decharme, professor da faculdade de letras de Paris. " Os antigos já tinham notado que o mito repousava talvez sobre a confusão que deveria ter-se produzido entre os dois sentidos da palavra grega *méla* que umas vezes significa maçãs, outras rebanhos. As maçãs d'oiro que Heracles vae conquistar, seriam pois identicas ás brilhantes vitelas de Gérion: hipótese que parece confirmar o caracter do monstro que as guardava; pois que o dragão Ladon, filho de Typhaon e d'Echidna, tem evidentemente uma certa afinidade com o cão Orthros. [5] „

(1) "Lexicon Hebraico-Chaldaico-Latino Biblicon. Avenione„ 1765, Apud Henricon Josephus Joly„.

(2) Hovelacque — "La Linguistique„.

(3) Diod. Sic. IV, 26.

(4) Miguel de Bréal — "Mélanges de Mythologie et de Linguistique,„ 1877, paginas 105.

(5) P. Decharme — "Mythologie de La Gréce Ancienne„, 2.e edition, pag. 351.

O mais interessante é que este mito das Hespérides, na iconografia, dá todos os detalhes do mito do pecado original [1].

Todos os argumentos que apresentamos para a ligação do mito adamico à mudança de regimen do antropoide, do que resultou a sua transformação em homem, serão no numero seguinte fortalecidos pela comparação com os mitos semelhantes de muitissimos povos, depois do que passaremos à interpretação do sacrificio.

(Continúa).

Matosinhos, 2/1/13

José Teixeira Rego

BIBLIOGRAFIA

Publicações recebidas:

"O Cancioneiro das Pedras„ — Afonso Duarte.
"A Rua„ — Raul Martins.
"Liricas Simples„ — José Carneiro Geraldes.

[1] Maury — "Croyances et Legendes du Moyen-âge„, pag. 218.

LETTRES PORTUGAISES

La nouvelle génération. – *A Aguia,* organe de la société *Renascença Portuguesa;* Porto. – Jayme Cortesão: *Esta historia è para os Anjos;* Renascença portugueza, Porto. – Augusto Casimiro: *A Evocação da Vida;* França Amado, éditeur, Coimbra. – Leonardo Coimbra: *O Criacionismo;* Renascença Portugueza, Porto. – Almachio Diniz: *Da Esthética na litteratura comparada;* Garnier fréres, Paris.

Nous nous sommes élevé trop de fois, ici même, contre l'imitation exclusive de modèles étrangers en matière d'art littéraire, ces modèles fussent-ils destinés à servir l'expansion d'idées françaises, pour ne pas applaudir de toutes nos forces à l'évolution actuelle de la Poésie portugaise et au mouvement littéraire inauguré par LA NOUVELLE GÉNÉRATION. Ce mouvement littéraire se manifeste, en effet, comme absolument national, sans emprunts directs d'aucune sorte. "Il a ses idées, ses sentiments, ses modes d'expression bien distincts„, affirme à juste titre Fernando Pessôa; il aspire à éliminer toute espèce d'influence étrangére, ou plutôt à en absorber au sein de l'esprit national les éléments assimilables. Les promoteurs de la *Renaissance Portugaise,* dont l'organe principal est la revue l'AIGLE publiée à Porto, pensent que l'heure a sonné pour le Portugal de retrouver son âme intégrale, non pas pour retourner vers le passé, mais pour créer une vie nouvelle, pour donner un sens à toutes les énergies de la Race. " Depuis Viriathe, l'ame lusitanienne existe et palpite, dit T. de Pascoaes; elle s'est faite action et victoire avec Vasco de Gama, verbe immortel avec Camoens. „

Puis elle s'est endormie; l'éducation jésuitique l'étouffa. Elle ressuscite aujourd'hui avec toutes ses caractéristiques de nostalgie messianique, avec ses aspirations à la fois païennes et chrétiennes, fomentées par le paysage natal, avec son idéalité sensuelle, qui marie dans *la saudade* le sentiment et la pensée. Ainsi le Portugal rendu à lui-même doit prochainement donner, en dépit des incertitudes du présent, son interprétation du monde à la civilisation universelle. Par cela même que le songe doit précéder l'action, l'âme portugaise va entrer dans sa période active et consciente, celle où les peuples créent, non seulement pour eux-mêmes, mais aussi pour les autres, ainsi que fit l'Angleterre de Shakespeare et de Milton, la France démocratique de Victor Hugo. Quiconque ignorerait les caractéristiques profondément nationalistes de la Révolution portugaise pourrait s'étonner de l'accent mystique avec lequel se trouve proclamée l'imminence d'une ère de grandeur lusitanienne; mais ce mysticisme est le reflet d'une si ardente conviction que l'attention scrupuleuse s'impose. Ce ne peut être que le pressentiment d'une aurore. Qu'un super-Camoens doive prochainement naître ou non, il n'est pas douteux que les lueurs de cette aurore sont depuis quelque temps déjà visibles á l'horizon, et nous n'avons pas besoin de remonter plus haut que l'*Oraison à la Lumière* de Guerra Junqueiro, pour en signaler la nuance à la fois subjective et réligieuse.

Affonso Lopes Vieira, Teixeira de Pascoaes, Antonio Corrêa d'Oliveira ont orienté leur inspiration dans un sens analogue et nous les retrouvons, avec João de Barros, groupés aujourd'hui sous la bannière de *La Renaissance Portugaise.* A leurs côtés sont Affonso Duarte, le suave poéte du *Romanceiro des eaux,* qui

dirige à Coïmbre *A Rajada;* Mario Beirão, dont le vers fluide, ailé, lumineux, évoque la prestigieuse beauté des hauteurs de *Cintra;* Jayme Cortesão, qui vient de fonder à Porto *La Vie Portugaise* pour affirmer l'œuvre de renaissance dans le domaine social, et qui, dans CETTE HISTOIRE EST POUR LES ANGES, dans *la Symphonie du soir*, excelle à prêter aux voix de la terre natale l'accent de sa propre âme enthousiaste; Augusto Casimiro, qui dans *le Premier Navire* exalte superbement l'âme portugaise, aventureuse et nostalgique, et qui, dans L'EVOCATION DE LA VIE, chante l'ivresse mystique d'une universelle communion. Un trait commun, inédit, caractérise ces poètes d'un peuple en mal de résurrection: ils *aspirent;* ils communient éperdûment avec les choses. Passionnément préoccupés de la nature, ils ne pensent que par images, que leur enthousiasme spiritualise. Ainsi la nouvelle poésie portugaise est une poésie synthétique, une poésie de l'âme.

Subtilement évocatrice, elle se distingue du Symbolisme par sa parfaite spontanéité; par son sens inné du mystère, qui la porte à chercher l'*au-delà* de toutes choses.

Au fait, sa métaphysique instinctive permet de la rapprocher do bergsonisme, dont cette métaphysique possède le dynamisme et la mobilité.

Elle en diffère, néanmoins, par son aspiration même qui vise à croître, à engendrer par l'Esprit un excès de puissance capable de favoriser la naissance messianique de quelque nouveau Dieu. Au reste, cette métaphysique vient d'être magistralement exposèe par l'un des adeptes du nouveau groupe, M. Leonardo Coimbra, esprit averti et subtil, auteur du CRÉATIONISME, qui est une philosophie de libertè active et transcendante, en même temps que d'harmonie fraternelle. C'est par là même une philosophie de relativité, hostile par définition à toute conception de chose considérée en soi. C'est une philosophie de la Vie.

"La Vie consciente dans sa pleine manifestation, dit M. Leonardo Coimbra, "constitue la réalité la plus vraie et la plus complète. Les personnes disparaissent "comme les vies; mais la Vie et la Conscience ne disparaissent pas. La synthèse "philosophique nous conduit ainsi à la réalité: la société des êtres actifs et libres "exaltant librement les domaines de la conscience. L'Univers est une société de "consciences."

L'existence de toute société implique un lien d'amour; c'est pourquoi la monade supérieure ne peut être que religieuse.

L'infini du *Créationisme* n'est pas celui de l'espace et du temps, mais celui de l'action affective. Et voilá l'originalité de ce systéme: tandis que notre conception française place toutes choses sous l'empire de la Raison, ici règne le Sentiment qui fécond l'Idée et la rend active.

Dom Sébastien, frére du roi Arthur, s'est réveillé; il est en train d'élaborer la formule qui agenouillera demain aux mêmes autels le Songe de l'orient et l'Activité occidentale; car aux veines de la Lusitanie le sang sarrazin s'est mêlé au sang celtibére, et la mer apporte aux plages portugaises les voix de la terre entière.

M. Leonardo Coimbra ne manque pas d'aller chercher chez les poètes du nouveau groupe de quoi justifier sa thèse:

—"Affonso Lopes Vieira, dit-il, part de l'homme et du foyer; mais l'homme "entend, là-bas, dans la profondeur, des voix mystérieuses qui apportent à son foyer "la nature elle-même. Lopes Vieira est un Hellène, touché de tendresse chrétienne.

"Teixeira de Pascoaes est le chrétien qui, à force de plonger dans les abî-"mes de l'Esprit, a trouvé devant soi la Nature.

"Correia d'Oliveira, c'est toute l'âme populaire portugaise, c'est la fusion "intime et parfaite de la Femme et de la Terre.

"Jayme Cortesão est une âme antithétique comme la vie, diverse comme un "paysage aux altitudes agrestes, aux vallées profondes, aux rivières murmurantes.

"Augusto Casimiro est le chantre des anonymes tendresses, des marées vives "et rythmiques du sentiment.

"Affonso Duarte célèbre un paganisme nourri de verdoyantes amours terres-"tres, alimenté par le charme du travail rustique, par l'ivresse de la couleur, par "la gloire d'une nature pénétrée de soleil."

Chants d'amour achevés en oraison, tels sont les poèmes de l'heure présente; ils traduisent ce qu'exprime si bien le triste et hamlétique *Exilé* du sculpteur Soares dos Reis, dont je n'oublierai jamais, pour ma part, la religiosité nostalgique et douloureuse.

La valeur des créateurs littéraires devant correspondre à la valeur créatrice de leur époque, pour reprendre une affirmation de Fernando Pessôa, il y a dans ce mouvement de quoi faire diversement réfléchir. L'esthétique, en effet, à l'envisager dans ses sources, est bien une science sociale, comme s'efforce à le prouver Almachio Diniz dans son livre DE L'ESTHÉTIQUE DANS LA LITTÉRATURE COMPARÉE, si instructif au point de vue de l'évolution contemporaine des lettres luso-brésiliennes. La science économique envisage des valeurs d'utilité, la science esthétique étudie des valeures de beauté. Celles-ci naissent du perfectionnement des formes naturelles, par addition d'une inconnue qui s'appelle l'âme humaine. Cette communion nécessaire de l'homme avec le monde fait de l'esthétique la synthèse de toutes les sciences ayant pour but de chercher les qualités des choses matérielles. Dans l'esthétique Almachio Diniz introduit deux divisions principales: 1.º l'Art exclusivement dirigé vers la Beauté, 2.º la Critique spécialement tournée vers la Vérité. L'ouvrage d'Almachio Diniz est plein d'aperçus plus subjectifs que rigoureusement scientifiques; mais l'*Introduction* garde le mérite d'ouvrir un large domaine à cultiver et d'en distribuer les parties. Nous lui devions ici une référence pour les paroles souvent justes qu'il accorde à l'œuvre d'hommes comme Theophilo Braga, Abel Botelho, Eugenio de Castro.

(Do "Mercure de France"
de 1 de Janeiro de 1913)

Philéas Lebesgue